

JB
9/9/99 Pg 8
24

Vilão Ambiental

Estiagem excepcional, que já dura mais de dois meses, ação inconseqüente de fazendeiros, ausência de fiscalização e total despreparo dos bombeiros. Essa é a receita das queimadas que continuam devastando o país neste final de inverno e que já atingem proporções maiores do que o incêndio de Roraima, que causou escândalo internacional há dois anos. Mais uma vez escreve-se a crônica do desastre anunciado e o governo só resolveu agir, proibindo queimadas e prometendo recursos para combater o fogo, quando o problema já é tão grande que poderia ser visto até da Lua.

Cidades inteiras em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul estão há semanas sem ver o Sol, com o tempo fechado por espessa cortina de fumaça, que impede até a operação dos aeroportos, às vezes por vários dias, devido à total ausência de visibilidade. Enquanto enorme patrimônio biológico é reduzido a cinzas no Pantanal e no sul do Pará, o fogo aproxima-se do parque nacional do Xingu, santuário de vários povos indígenas, e as nascentes de vários rios da região, como o Cuiabá, já estão completamente secas em meio ao calor e aos incêndios.

Os noticiários da TV mostram incêndios fora do controle, como os de Mato Grosso e, quando há combate, é possível ver homens mal equipados lutando contra as chamas com mantas ou galhos de árvore, literalmente batendo na base do fogo para abafá-lo. E não é apenas em pequenas comunidades do interior. No Rio, num incêndio que destruiu parcialmente as matas das encostas do Sumaré, os bombeiros tiveram – literalmente – que apelar para o bispo.

Dom Eugênio autorizou o uso da água da piscina de sua residência no Sumaré e só assim foi possível controlar as chamas.

Se o Ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, desejar evitar a repetição dessa tragédia deve começar a agir imediatamente. Uma primeira medida seria contratar técnicos e especialistas em incêndio florestal de países como os EUA, a França e a Espanha, que lidam todos os anos com incêndios que chegam a ameaçar áreas urbanas. Nesses países existem brigadas treinadas, com equipamento moderno, como aviões cisterna, que despejam toneladas de água sobre os focos dos incêndios.

Cada um desses técnicos poderia formar brigadas de bombeiros profissionais e voluntários, que lutariam contra incêndios e fiscalizariam, ao mesmo tempo, as regiões onde atuam para evitar focos de calor e chamas. Fiscalização é a segunda parte de um tripé de ações destinadas a evitar o desastre. O terceiro é a educação. Os fazendeiros, os madeireiros e outros trabalhadores do campo deveriam ser persuadidos, por bem ou pela lei, a não queimar a terra e o mesmo tipo de campanha seria estendido a motoristas que jogam tocos de cigarros acesos ou garrafas (cujo vidro funciona como lente) no mato à margem das estradas. Com a estiagem, o capim seco, torna-se altamente eletroestático e qualquer fricção desencadeia chamas. Essa é no momento a preocupação n° 1 que deve nortear a ação do governo na área de meio ambiente, nem que seja para evitar que o Brasil continue sendo visto internacionalmente como vilão ambiental.